

Índice

Prefácio	7
<i>Austerlitz</i>	15
Notas	269

Na segunda metade dos anos sessenta, em parte para fazer investigação, em parte por outros motivos que eu próprio não sei bem determinar, viajei em repetidas ocasiões da Inglaterra para a Bélgica, umas vezes, por um, dois dias, outras, por várias semanas. Numa destas excursões belgas, que, assim me parecia, me levavam para bem dentro de terras estranhas, fui também, num dia radioso de inícios de Verão, à cidade de Antuérpia, que, até esse momento, apenas conhecia de nome. Logo à chegada, quando o comboio, percorrendo o viaduto guarnecido de ambos os lados com estranhas torrezinhas pontiagudas, entrou devagar na gare escura, apoderou-se de mim uma sensação de mal-estar que não voltou depois a esbater-se durante todo o tempo que passei na Bélgica. Recordo-me ainda dos passos vacilantes com que percorri o centro da cidade de uma ponta à outra, pela Jeruzalemstraat, a Nachtegaalstraat, a Pelikaanstraat, a Paradijsstraat, a Immerseelstraat e muitas outras ruas e vielas, e de como, por fim, atormentado por dores de cabeça e por pensamentos sombrios, me refugiei no jardim zoológico, situado no Astridplein, mesmo ao pé da estação ferroviária central. Fiquei ali, até me sentir um pouco melhor, sentado num banco na penumbra junto a um aviário em que esvoaçavam numerosos tentilhões e pintassilgos de penas coloridas. Já a tarde ia declinando, dei um passeio pelo parque e acabei, por fim, por dar ainda uma espreitadela ao Nocturama, reaberto havia apenas alguns meses. Levou um bom bocado até os olhos se habituarem à penumbra artificial e eu conseguir distinguir os diferentes animais que, atrás do vidro, andavam na

sua vida crepuscular, iluminada por uma lua mortiça. Já não sei ao certo que animais vi naquela altura no Nocturama de Antuérpia. Provavelmente, eram morcegos e gerbos do Egipto ou do deserto de Gobi, ouriços, mochos e corujas locais, sarigueias australianas, marmotas, arganazes e lémures que andavam ali a saltar de ramo em ramo, se esgueiravam de um lado para o outro no chão de areia amarelo-acinzentado ou desapareciam naquele preciso momento num matagal de bambus. Mas a verdade é que só me ficou realmente na memória o guaxinim, que estive a observar longamente, sentado, de rosto grave, na margem de um riachinho, a lavar repetidas vezes a mesma talhada de maçã, como se esperasse, com estas lavagens, que iam muito além de qualquer meticulosidade razoável, poder escapar do mundo falso onde, em certa medida, fora parar sem nada ter feito por isso. Dos animais alojados no Nocturama, só me ficou ainda na lembrança que uma série deles tinha olhos impressionantemente grandes e aquele olhar fixo e penetrante que se encontra em



certos pintores e filósofos que procuram, mediante a pura contemplação e o puro pensamento, perscrutar a escuridão que nos cerca. De resto, julgo que, naquela altura, me andou às voltas na cabeça a questão de saber se acendem a luz aos habitantes do Nocturama quando cai a noite verdadeira, quando o zoo está fechado ao público, para que, ao raiar do dia, eles possam cair no sono, tranquilizados, em certa medida, quanto ao seu universo de miniatura às avessas. — Com o correr dos anos, as imagens do Nocturama misturaram-se com as que preservei da chamada *Salle des pas perdus* da Centraal Station de Antuérpia. Quando tento imaginar hoje esta sala de espera, vejo logo o Nocturama, e, se penso no Nocturama, vem-me à ideia a sala de espera, provavelmente porque, naquela tarde, fui directamente do Nocturama para a estação, ou, para ser exacto, fiquei primeiro durante algum tempo na praça fronteira à estação, erguendo os olhos para a fachada deste edifício fantástico em que de manhã, ao chegar, só reparara vagamente. Agora, porém, vi até que ponto o edifício, construído sob o patrocínio do rei Leopoldo II, ia além da simples funcionalidade, e admirei-me com o rapaz negro completamente coberto de verdete que, com o seu dromedário, há um século se ergue sozinho lá no alto contra o céu flamengo, numa torre saliente do lado esquerdo da fachada da estação, como monumento ao mundo dos animais e dos indígenas africanos. Ao entrar no átrio da Centraal Station, abobadado por uma cúpula de sessenta metros de altura, o meu primeiro pensamento, quiçá suscitado pela visita ao jardim zoológico e por ter visto o dromedário, foi que, aqui, neste átrio sumptuoso, embora, naquela época, muito decadente, deveria haver jaulas incrustadas nos nichos de mármore para leões e leopardos e aquários para tubarões, polvos e crocodilos, exactamente da maneira como, em muitos jardins zoológicos, pode viajar-se pelos continentes mais remotos num pequeno comboio. Foi devido a ideias deste género, que, em Antuérpia, surgem, por assim dizer, espontaneamente, que a sala de espera, hoje, tanto quanto sei, a servir como cantina do pessoal, me pareceu um segundo Nocturama, uma sobreposição, que, é claro, também podia resultar de o Sol estar a pôr-se atrás dos telhados da

cidade no momento em que entrei para essa sala. O brilho dourado e prateado nos gigantescos espelhos de parede meio baços em frente às janelas ainda não se extinguiu por completo e já uma penumbra subterrânea enchia a sala, em que, muito dispersos, estavam sentados alguns viajantes, imóveis e em silêncio. Tal como os animais do Nocturama, entre os quais havia, visivelmente, muitas raças anãs, minúsculas raposas-do-deserto, ratos-cangurus e *hamsters*, também estes viajantes me pareceram, de alguma forma, de tamanho reduzido, fosse pela altura invulgar do tecto da sala, fosse devido à escuridão que se ia adensando, e suponho que foi por isso que me passou pela cabeça a ideia, em si absurda, de que se tratava dos últimos membros de um povo de tamanho diminuído, que fora expulso da terra natal ou perecera, de gente que, por ser a única sobrevivente, tinha o mesmo semblante amargurado dos animais do zoo. — Uma das pessoas que estava à espera na *Salle des pas perdus* era Austerlitz, um homem que, naquela altura, em 1967, tinha um aspecto quase jovem, de cabelo louro singularmente ondulado como, tirando ele, só vi no herói germânico Siegfried do filme de Lang sobre os Nibelungos. Tal como em todos os nossos encontros posteriores, Austerlitz trazia, naquele dia em Antuérpia, botas pesadas de caminheiro, uma espécie de calças de trabalho de ganga azul desbotada, bem como um casaco de fato feito à medida, mas havia muito fora de moda, e, abstraindo deste aspecto exterior, distinguia-se também dos outros viajantes por ser o único que não estava a olhar fixamente em frente sem ligar a nada, antes estava ocupado a fazer anotações e esboços ao que tudo indicava relacionados com a sala sumptuosa em que ambos nos encontrávamos sentados, a meu ver, mais concebida para uma cerimónia de Estado do que para esperar a ligação seguinte por comboio para Paris ou Ostende, pois, quando não estava a registar alguma coisa, dirigia muitas vezes, longamente, a atenção para a enfiada de janelas, as pilastras estriadas ou outras partes ou pormenores da construção da sala. Num dado momento, Austerlitz tirou da mochila uma máquina fotográfica, uma velha Ensign de fole, e tirou várias fotografias aos espelhos, entretanto totalmente escurecidos, as quais, contudo, até ao momento, ainda

não consegui encontrar entre as muitas centenas de fotografias que me foram confiadas, na maior parte, por ordenar, logo a seguir ao nosso reencontro no Inverno de 1996. Quando, finalmente, abordei Austerlitz fazendo uma pergunta relacionada com o seu interesse manifesto pela sala de espera, ele respondeu logo à pergunta sem a mínima hesitação, sem se mostrar minimamente admirado com a minha frontalidade, sendo certo que tive, desde então, muitas vezes ocasião de comprovar que as pessoas que viajam sozinhas vêem, em regra, com agrado que lhes dirijam a palavra, após um silêncio que, às vezes, não foi interrompido dias a fio. Em ocasiões dessas, verifica-se até, de diferentes maneiras, que estão dispostas a abrir-se sem reservas a uma pessoa estranha. Não foi isto que, naquele momento, na *Salle des pas perdus*, se passou no caso de Austerlitz, que, mesmo depois, praticamente nada me confiou sobre a sua origem e sobre o seu percurso de vida. Os nossos colóquios em Antuérpia, como ele, mais tarde, às vezes os designava, giraram, em conformidade com os seus espantosos conhecimentos especializados, em primeira linha ao redor de questões de história da arquitectura, como foi logo o caso daquele serão, em que estivemos os dois sentados até por volta da meia-noite no restaurante que ficava exactamente defronte da sala de espera do outro lado do grande átrio abobadado. Os poucos clientes que, àquela hora tardia, ali se encontravam foram desaparecendo aos poucos, até ficarmos sozinhos na sala de refeições, cuja disposição arquitectónica se assemelhava, qual imagem de espelho, à sala de espera, com um solitário bebedor de Fernet e com a empregada do restaurante, que pontificava, de pernas cruzadas, atrás do balcão, sentada num banco alto de bar, limando as unhas das mãos com uma entrega e uma concentração totais. Austerlitz comentou de passagem a respeito desta senhora, cujo cabelo louro oxigenado fazia uma torre em forma de ninho, que era a deusa do tempo passado. Efectivamente, na parede atrás dela, sob o brasão dos leões do reino da Bélgica, encontrava-se, como peça principal da sala do restaurante, um relógio imponente, em cujo mostrador, em tempos dourado, mas agora escurecido pela fuligem dos comboios e pelo fumo do tabaco, o ponteiro com um tamanho de cerca de seis pés

ia andando à roda. Durante os intervalos que surgiam na conversa, notámos ambos o tempo infinito que era preciso para passar um minuto e como o avançar deste ponteiro, semelhante a uma espada da justiça, nos parecia sempre assustador, apesar de já estarmos à espera, quando separava do futuro a sexagésima parte seguinte de uma hora, com uma vibração de tal modo ameaçadora que o coração quase nos deixava de bater. — Pelos finais do século XIX, assim começara Austerlitz a sua resposta às minhas perguntas sobre a história da construção da estação de Antuérpia, na altura em que a Bélgica, essa manchazinha que, no mapa universal, mal se distingue, estava a expandir-se no continente africano com os seus empreendimentos coloniais, em que, nos mercados de capitais e nas bolsas de matérias-primas de Bruxelas, se faziam os negócios mais vertiginosos e os cidadãos belgas, animados por um optimismo sem limites, julgavam que o seu país, por tanto tempo humilhado, retalhado, internamente dividido, sob o domínio estrangeiro, estava agora a ponto de se elevar a nova potência económica, naquela época, agora já remota no tempo, mas que determina, mesmo assim, a nossa vida até hoje, o desejo pessoal do rei Leopoldo, sob cujo patrocínio se realizava o progresso aparentemente imparável, era que os fundos que, de repente, estavam de sobejo à disposição, fossem aplicados na construção de edifícios públicos, destinados a dar um renome mundial ao seu Estado florescente. Um dos projectos dessa maneira iniciados pela instância máxima foi a estação central da metrópole flamenga, projectada por Louis Delacenserie, inaugurada na presença do monarca no Verão de 1905 após um período de dez anos de planeamento e de construção, na qual estamos agora, disse Austerlitz. O modelo recomendado por Leopoldo ao seu arquitecto foi a nova estação de Lucerna, na qual o cativava especialmente o conceito da cúpula, que superava espectacularmente a escala baixa habitual dos edifícios ferroviários*, uma concepção concretizada por Dela-

* Ao rever estas anotações, vem-me agora de novo à lembrança que, em Fevereiro de 1971, durante uma curta estada na Suíça, estive, entre outros sítios, em Lucerna e, ali, após uma visita ao Museu dos Glaciares, no caminho de regresso à estação, estive muito tempo parado na ponte do Lago porque, ao ver a cúpula do edifício da estação e o maciço de Pilatos que se